UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
UNIDADE EDUCACIONAL SANTANA DO IPANEMA
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CARLOS RONILSON DE SOUZA TOMAS

INVERSÃO DOS CICLOS ECONÔMICOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE ENTRE OS ANOS 2020 A 2021

Santana do Ipanema
2024

CARLOS RONILSON DE SOUZA TOMAS

INVERSÃO DOS CICLOS ECONÔMICOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE ENTRE OS ANOS 2020 A 2021

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Kloeckner.

Santana do Ipanema

2024

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

T655i Tomas, Carlos Ronilson de Souza.

Inversão dos ciclos econômicos no Brasil: uma análise entre os anos 2020 a 2021 / Carlos Ronilson de Souza Tomas. – 2024.

38 f. : il.

Orientador: Rafael Kloeckner.

Monografia (Trabalho de Conclusão Curso em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Alagoas. Campus Sertão. Santana do Ipanema, 2024.

Bibliografia: f. 35-38.

1. Ciclos econômicos. 2. Inversão cíclica - Economia - Brasil. Produtividade. I. Título.

CDU: 338.12(81)

FOLHA DE APROVAÇÃO

CARLOS RONILSON DE SOUZA TOMAS

INVERSÃO DOS CICLOS ECONÔMICOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE ENTRE OS ANOS 2020 A 2021

Monografia submetida à banca examinadora do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 19 de Novembro de 2024.

gov.br Documento assinado digitalmente
RAFAEL KLOECKNER
Data: 19/11/2024 11:15:28-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Rafael Kloeckner, Universidade Federal de Alagoas
Orientador

BANCA EXAMINADORA:

gov.br Documento assinado digitalmente
CRISTIANO DA SILVA SANTOS
Data: 19/11/2024 17:32:36-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Cristiano da Silva Santos, Universidade Federal de Alagoas Examinador Interno

gov.br Documento assinado digitalmente
HERMANI MAGALHAES OLIVENSE DO CARMO
Data: 19/11/2024 18:20:46-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Hérmani Magalhães Olivense do Carmo, Universidade Federal de Alagoas
Examinador Interno

AGRADECIMENTOS

A priori, ao Primeiro Motor por me proporcionar saúde e capacidade mental para realizar este projeto, pelos diversos aspectos relacionados a força e paz que me concede ao me permitir fazer o que mais gosto.

A minha família, em parte restritita, meus pais por terem dado todo suporte possível nos momentos mais difíceis da jornada, me proporcionando calma e sabedoria também nos momentos decisivos da elaboração deste trabalho.

Aos poucos amigos, mas especiais, que me incentivaram e aqueles também que fizeram parte da jornada de alguma forma, mudando alguma trajetória ou capacitando as minhas idéias de forma a complementar o que penso. Aos dias de estudo, provas e momentos de tensão compartilhados, que também fazem parte do processo.

Aos professores da Universidade Federal de Alagoas, em especial o professor Rafael, pelo suporte em questões deste trabalho, em como poderia melhorar e torná-lo coerente. Os momentos de atenção foram essenciais na trajetória e modificação deste trabalho, em diversos aspectos.

Por fim, a instituição capaz de tornar este sonho em processo, e o processo em realização. Agradeço, do mais profundo canto da minha alma, a Universidade Federal de Alagoas pela oportunidade de aprender com professores tão especiais e as amizades que fiz e que me ajudaram no trajeto.

“Se, a longo prazo, somos criadores do nosso destino, de imediato somos escravos das ideias que criamos.”

Friedrich Hayek

RESUMO

Os ciclos econômicos são compreendidos por tipos de flutuações encontradas no conjunto da atividade econômica, modificando processos e direcionando a economia. A inversão de ciclo proporciona mudanças que se configuram de forma estruturante na economia a partir dos setores produtivos. Este trabalho, portanto, possui objetivo principal analisar o processo de inversão cíclico da economia brasileira em uma concepção de curto prazo, ocasionada pela pandemia da COVID-19. Dando respaldo aos processos analisados, o trabalho consiste na caracterização quali quantitativa, com pesquisa bibliográfica na sustentação teórica e exploratória a partir de dados do Ipeadata, FGV e IBGE. Como resultado, identificou-se processo recessivo ameno no setor industrial, tendo ligeira recuperação em 2020, centralizando assim o processo recessivo no setor de serviços. No ano posterior, o setor de serviços recuperou-se, sendo central e principal responsável pela retomada do crescimento da economia brasileira.

Palavras-chave: Ciclo Econômico. Inversão Cíclica. Produtividade.

ABSTRACT

Economic cycles are understood by types of fluctuations found in the set of economic activity, modifying processes and directing the economy. The inversion of the cycle provides changes that take shape in a structuring way in the economy based on the productive sectors. This work, therefore, has the main objective of analyzing the cyclical inversion process of the Brazilian economy in a short-term conception, caused by the COVID-19 pandemic. Supporting the analyzed processes, the work consists of qualitative and quantitative characterization, with bibliographical research in theoretical and exploratory support based on data from Ipeadata, FGV and IBGE. As a result, a mild recessive process was identified in the industrial sector, with a slight recovery in 2020, thus centralizing the recessive process in the services sector. In the following year, the services sector recovered, being central and mainly responsible for the resumption of growth in the Brazilian economy.

Keywords: Economic Cycle. Cyclical Inversion. Productivity.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - PIB a preços de mercado: variação real trimestral sobre o trimestre anterior (2020) 22
Gráfico 2 - Ciclos de Crescimento do PIB Total, Indústria e Serviços (2020) 23
Gráfico 3 - Ciclos de Negócio do PIB, PMS e PIMPF (2020).....23
Gráfico 4 - PIB a preços de mercado: variação real trimestral sobre o trimestre anterior (2021) 26
Gráfico 5 - Ciclos de Crescimento do PIB Total, Indústria e Serviços (2021) 27
Gráfico 6 - Ciclos de Negócio do PIB, PMS e PIMPF (2021).....27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
1.1 Objetivos 10
1.1.1 Objetivo geral 10
1.1.2 Objetivos específicos 10
1.2 Justificativa 11
1.3 Organização do trabalho 12
2 METODOLOGIA 13
3 FATOR EXÓGENO E INVERSÃO DO CICLO ECONÔMICO 14
3.1 Fator exógeno 14
3.2 Processo de inversão do ciclo 15
4 CICLOS ECONÔMICOS NO BRASIL 20
4.1 Recessão pelo fator exógeno 20
4.2 Expansão econômica e recuperação 25
5 ANÁLISE DOS IMPACTOS E PERSPECTIVAS DO PROCESSO CÍCLICO EXÓGENO NA ECONOMIA BRASILEIRA 29
5.1 Recuperação dos setores: síntese teórica 29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 33
REFERÊNCIAS 35

1 INTRODUÇÃO

A construção e o entendimento de um modelo desenvolvimentista vão muito além da compreensão dos fatores econômicos meramente internos, da construção econômica de curto prazo ou dos termos que percorrem a economia. O desenvolvimento é, pelo contrário, construído sobre base fértil, diversas vezes exógena e caracterizando momentos de crescimento, depressões e crises, influenciados diretamente por processos ruptores que modificam a estrutura vigente do processo econômico.

Neste sentido, a análise dos ciclos econômicos adquire papel fundamental no ato e, de forma expressa, na construção dos processos de curto e longo prazo. Para qualquer diálogo, a compreensão de fatores endógenos e exógenos a economia se faz presente e a identificação destes possui significado reestruturante nos processos econômicos. A pandemia, ocasionada pela COVID-19 representa, neste ínterim, um fator exógeno que pode modificar a estrutura econômica e inverter padrões cíclicos clássicos, centralizados no crescimento ou recessão a partir do setor industrial.

De forma concreta, os ciclos econômicos são compreendidos por um tipo de flutuação encontrada no conjunto da atividade econômica de países que organizam seu trabalho, sobretudo, em empresas comercias e industriais: um ciclo consiste de expansões que ocorrem quase que simultaneamente em muitas atividades econômicas, seguidas de retrocessos, contrações e renascimentos (recessões, crises e expansões) igualmente gerais, os quais se fundem na fase de expansão do ciclo seguinte (HARBELER, 1950 apud MITCHEL; BURNS, 1946).

Dentre as principais características e momentos cíclicos do processo econômico nos interessa um único momento específico, comumente retratado pelos ciclos como recessão, onde os setores produtivos começam a retrair-se em diversos aspectos. O Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos – CODACE (2023), pressupõe que esta fase cíclica é marcada pelo declínio da atividade econômica, impactando diretamente os diversos setores produtivos da economia. Neste sentido, o momento entre um pico e vale tem-se, como a própria definição, um período de recessão. Da mesma forma, entre um vale e um pico, temos a expansão como principal característica.

Contudo, na construção de qualquer diálogo, o entendimento dos fatores, i.e., a compreensão da teoria econômica se faz prudente, principalmente no que concerne o processo de desenvolvimento econômico. O setor industrial, muito discutido dentro de um modelo de

crescimento sustentado, mas pouco efetivamente aplicado, toma papel fomentador do processo dos ciclos e, consequentemente, na caracterização dos crescimentos e crises, a ver, nos exercícios econômicos de curto e longo prazo. Stiglitz (2017) reconhece este entendimento em Schumpeter, quando expressa que nos processos cíclicos da economia dá-se pouca atenção, neste sentido direto, de forma incorreta ou explorando modelos estagnados de crescimento, a estrutura industrial e ao ritmo do processo de inovação.

Em diversos casos, contemplando os modelos de mercado exercidos na economia, a construção de um arquétipo baseado em um ciclo de longo prazo, sustentado na estrutura industrial, exerce-se em características de mercado competitivo, invalidando os processos econômicos reais e o dinamismo que este apresenta nas condições macroeconômicas. Dialogando com esta caracterização, Schumpeter (2017) expõe que a economia vigente não pode ser estacionária. O processo econômico é cíclico, fértil e modificado incessantemente pelos fatores de produção endógenos e, no sentido geral, por fatores exógenos, que modificam a estrutura interna.

Isto, de certa forma, é concludente dentro dos aspectos apresentados nos ciclos econômicos. De um lado, características inerentes ao próprio sistema econômico são geradores de movimentos que influenciam diretamente os ciclos. Desta forma, as mudanças seriam intrínsecas ao próprio sistema, ou seja, por perspectivas endógenas. Carvalho (1988) expõe que, a rigor, não se pode falar propriamente de um ciclo, mas de um processo cíclico, no qual qualquer movimento ascendente engendra o seu oposto e vice-versa. Neste sentido, a economia sempre está em uma sucessão infinita de estados e o mecanismo cíclico está nos aspectos institucionais mais fundamentais do sistema econômico, forçando a alternância entre as fases.

Por outro lado, acredita-se que fatores exógenos sejam fundamentais a mudança comportamental dos ciclos. Schumpeter (1988) apresenta uma economia de *fluxo circular,* onde cada bem produzido encontra seu mercado, contudo, não significa que não possa haver crescimento dentro deste sistema. Desta forma, os agentes econômicos se predispõem a aceitar o estabelecido, ou seja, qualquer mudança segue uma trajetória previsível. Isto muda, de fato, quando o processo de inovação se insere, pois não podem ser previstas *ex ante,* rompendo assim este sistema de equilíbrio.

Neste caso, Costa (2006) expõe que mudanças econômicas, que mudam ou alteram os rumos dos acontecimentos, e que trilham caminhos essencialmente diferentes ao *fluxo circular,* não implicam necessariamente que não podem ser explicadas dentro de um processo econômico.

Nesta caracterização, a mudança dos fatores surge, a priori, como uma forma embrionária da inovação, ou seja, uma invenção, que parte de fora para dentro como fator exógeno. Inserida dentro deste sistema, a invenção torna-se inovação, modificando estruturas e processos e, inerente a ela, os ciclos econômicos.

Dito isto, não só fatores endógenos são capazes de explicar plenamente os fenômenos cíclicos de um processo econômico dinâmico, mas fatores exógenos são excedentes que se incluem e modificam a estrutura interna da economia, atingindo o sistema em processos recessivos e/ou períodos de expansão econômica.

Desta maneira, os ciclos econômicos se permeiam de diversos aspectos complexos e instigáveis, modificam a estrutura econômica e abrangem os mais diversos setores da economia. As caracterizações que implicam em seus processos, como os fundamentos relacionados a caracterizações endógenos e exógenos, são denotadas na leitura e compreensão das modificações cíclicas, principalmente no Brasil pré e pós-pandemia.

Consequentemente, a problemática que permeia este projeto está intimamente relacionada a investigar uma inversão de ciclo ocasionada, primordialmente, por um fator exógeno (COVID-19) e como este atingiu os dois principais setores produtivos da economia brasileira, a ver, setor industrial e serviços, bem como seu impacto direto no PIB (Produto Interno Bruto). A compreensão destes fatores nos permite perceber caracterizações das tendências cíclicas que o processo econômico pode causar, seja por processos endógenas (relacionadas ao sistema econômico) seja, principalmente, por fatores exógenos não percebidos *ex ante.*

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Analisar uma mudança, caracterizada pela inversão no ciclo econômico causado por um fator exógeno (COVID-19) em perspectiva aos dois principais setores produtivos da economia, neste caso, o setor industrial e de serviços.

1.1.2 Objetivos específicos

A fim de elucidar processos e aspectos relacionados aos ciclos econômicos e a fatores exógenos que interferem nestes, seguem como propostas específicas de análise:

- Explicar, objetivamente, o que são fatores exógenos e suas características dentro da perspectiva brasileira;
- Retratar o processo de inversão do ciclo econômico de curto prazo;
- Delinear e caracterizar dados que expliquem esta perspectiva;
- Observar a importância das tendências cíclicas e os processos exógenos.

1.2 Justificativa

As análises em torno dos ciclos econômicos são caracterizadas por decursos, essencialmente, de curto e longo prazo, com informações relevantes no processo econômico e na formação de tendências, principalmente no que concerne a laboração do desenvolvimento e crescimento interno da economia.

De acordo com Oliveira (2007), o estudo dos ciclos econômicos é importante, principalmente, pelos momentos de recessão e expansão serem sentidos na economia de forma geral. Neste sentido, a aceleração ou o processo de recessão da atividade econômica pode ser observada mediante fatores/indicadores econômicos variados da economia, dentre eles, produtividade, investimentos ou PIB.

Ademais, tendências cíclicas com pequenas recessões seguidas de expansões acontecem de forma variada e recorrente dentro da economia, podendo assim caracterizar um processo ruptor para o longo prazo, atingindo os mais diversos e importantes setores econômicos.

Desta forma, o presente trabalho tem como justificativa central analisar um processo ruptor recente, ocasionado pela COVID-19, através da perspectiva dos ciclos econômicos e como estes atingiram, de forma concreta, os setores mais produtivos da economia brasileira, ou seja, o setor industrial e serviços.

Pela perspectiva científica, destacar a análise fundamental dos ciclos econômicos e das tendências cíclicas, em um processo inicial de caracterização e panorama dos fatores endógenos (internos) e exógenos (externos) a economia, criando um paralelo com alguns trabalhos internacionais e renomados cientistas econômicos. A análise importante das tendências cíclicas torna-se, portanto, papel chave de interesse por este trabalho e imprescindível para expansão do conhecimento as diversas classes que se interessem por este tema.

1.3 Organização do trabalho

A fim de alcançar os objetivos propostos, este trabalho consistirá em seis capítulos, tendo como início sua introdução. Logo após, serão apontados aspectos relacionados a sua elaboração, ou seja, a metodologia. No terceiro capítulo, faremos os apontamentos necessários em relação as definições no que tange os fatores exógenos e inversão dos ciclos econômicos. No quarto capítulo, procuraremos pormenorizar estas características apontadas, relacionando-as ao Brasil e alguns apontamentos com dados. No quinto capítulo, retrataremos sobre as análises anteriores e recuperações, bem como os aspectos dos setores produtivos analisados relacionados a produtividade, investimentos e inovação. Por fim, no sexto capítulo, as considerações finais que abrangerá toda análise acima.

2 METODOLOGIA

O trabalho possui características relacionadas ao cunho descritivo, com relações aproximadas entre explicação e dados que se interligam de forma a criar uma explicação plausível entre os fenômenos. Desta forma, apesar de ter uma característica essencialmente qualitativa, não há descarte da apresentação de dados. Chizzotti (2000) expõe esta perspectiva, principalmente na etapa exploratória e na relação entre fenômenos específicos da análise.

Para além do trabalho qualitativo-quantitativo, utiliza-se da parte bibliográfica para relação e explicação de termos relacionados a Ciência Econômica. As principais plataformas de utilização são a *SciELO Eletronic Library Online* e *Google Scholar*. Neste processo, a fenomenologia exemplificada pela teoria econômica procurará elucidar as principais questões do projeto, tanto no processo de choque exógeno causado pela COVID-19, quanto nos impactos que estes podem causar em longo prazo no processo cíclico.

A fim de estruturar com características de um projeto científico, utiliza-se na parte documental dados retirados, principalmente, da Fundação Getúlio Vargas – Instituto Brasileiro de Economia (FGV IBRE), Ipeadata e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Utiliza-se, dentro da proposta do trabalho, séries temporais de curtíssimo prazo, entre 2020 a 2021, identificando os momentos de recessão e retomada do ciclo econômico brasileiro, além de tabelas e gráficos com informações no processo de teorização do projeto, identificando o momento de inversão do ciclo econômico brasileiro a partir do fator exógeno.

Para além das séries temporais utilizadas, complementando sua caracterização, utiliza-se neste projeto dados relevantes em torno dos dois principais setores produtivos da economia brasileira, estes identificados no setor industrial e serviços, a partir da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) e Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIMPF). Em diálogo com estes, utiliza-se uma base de dados do IBGE e FGV sobre a PIB (Produto Interno Bruto) e seu comportamento frente aos processos de recessão e retomada cíclica, juntamente aos setores analisados.

3 FATOR EXÓGENO E INVERSÃO DO CICLO ECONÔMICO

A relação entre fatores exógenos e a inversão dos ciclos dentro da economia é complexa e pouco explorada como possibilidade de interrelação dentro dos ciclos econômicos. No Brasil, o caso mais recente de intersecção será explorado dentro deste trabalho, contudo, será preciso buscarmos uma caracterização destes fatores, com enfoque dentro do aspecto econômico.

3.1 Fator exógeno

As características exógenas, apesar de pouco exploradas, não são difíceis de se conceber. Diversas áreas da ciência exploram o seu significado, tendo para cada uma delas uma especificação coerente tendo como base seu modelo. Dentro da Biologia, por exemplo, fatores exógenos[1] são importantes para identificação de doenças externas ao agente estudado, como este interage ao organismo vivo e se adapta aos processos intrínsecos do indivíduo.

As ciências econômicas, por outro lado, caracterizam fatores exógenos como processos não explorados dentro de um modelo estudado, não caracterizado *ex ante* ou não concebido, o que torna as caracterizações e perspectivas futuras indefiníveis. Outra forma de analisarmos sua significação é tratando o termo de uma forma biológica/econômica, neste caso, o fator exógeno poder-se-ia representar um fator externo, fora da perspectiva econômica, mas que atinge os processos produtivos de tal maneira que, por períodos curtos (dentro de uma perspectiva cíclica) podem representar processos que intervirão no longo prazo, seja no processo produtivo, seja na perspectiva endógena[2] da economia.

No Brasil recente, essa perspectiva foi perceptível dentro da pandemia sanitária provocada pela Covid-19. Sendo de caracterização biológica, patologicamente específica, sua particularidade intrínseca fez com que setores econômicos sofressem com processos produtivos, reduzindo oferta, dificultando acesso a insumos e relações entre os agentes, importantes dentro da produção econômica.

[1] Exogenia ou Exogeneidade está intimamente relacionado a uma ação ou objeto que se origina fora (externo) a um sistema.
[2] Endogenia ou Endogeneidade está intimamente relacionado a uma ação ou objeto que se original, por outro lado, dentro de um sistema. Em economia, podemos considerar fatores endógenos a taxa de juros, inflação, capacidade de inovação, política econômica dentre outros.

Dentro desta perspectiva, Conceição e Lima (2022) apud Garretsen et al. (2022) analisam a Covid-19 como um choque exógeno adverso que se exprime através de mudanças repentinas que podem afetar diretamente indivíduos, organizações e a sociedade em geral.

Da mesma forma, Conceição e Lima (2022) apud Miklian e Hoelsher (2021) contribuem para a definição, expondo que um choque exógeno é um evento imprevisível e fora de controle, exercendo efeitos negativos em um determinado mercado, comunidade ou país.

A perspectiva não se altera quando relacionamos o choque exógeno causado pela Covid-19 dentro dos setores produtivos da economia. Partindo da premissa brasileira, os principais setores econômicos foram afetados de forma desigual, e numa relação singela, não exemplificados ou encontrados em uma perspectiva econômica/histórica.

3.2 Processo de inversão do ciclo

A análise cíclica, ou a simples definição dos fatores torna-se importante, considerando todas as exemplificações expostas até então. Neste sentido, os ciclos econômicos, trazendo a ótica intrínseca do *National Bureau of Economic Research* (NBER), exprimindo as diretrizes de Burns e Mitchell, atribuem

> [...] ciclos econômicos como movimentos de crescimento e decrescimento da atividade agregada, mais precisamente do produto e emprego agregado, em que mudanças no produto devem-se a mudanças no emprego, naturalmente havendo a possibilidade de o produto sofrer mudanças sem que haja mudanças no emprego. Uma definição clara dos ciclos é que são flutuações de curto prazo observadas na atividade econômica, sem que haja regularidade determinada por ciclos de maior ou menor amplitude. Os ciclos diferem em duração e em amplitude em que algumas depressões são moderadas, outras severas, algumas fases de expansão são mais intensas, outras mais suaves (LIMA; 2005, p. 6).

Pode-se separar as fases cíclicas e os momentos específicos de cada ciclo através das particularidades de cada período analisado. Venturini et al. (2021) apud Burns e Mitchell (1946) e Schumpeter (1939) atribuem quatro fases distintas dentro de um processo cíclico, representadas por momentos de Prosperidade (expansão), Recessão, Depressão e Recuperação (renovação), novamente caracterizando o processo cíclico.

Desta maneira, a Varos Research (2024) exemplifica fases cíclicas que ocorrem, normalmente, dentro da interpretação econômica/mercado financeiro:

- **Prosperidade (expansão):**

Caracterizado por um momento de crescimento da economia, onde há aumento da produção, dos investimentos, do emprego e do consumo. Durante essa fase, os negócios estão

florescendo, empresas expandem suas produções e os consumidores elevam seu nível de confiança perante o mercado. O resultado, em tese, leva ao movimento de crescimento econômico.

- **Pico (Boom):**

Após o período de expansão, a economia atinge um ponto máximo, conhecido geralmente como Boom. Neste estágio, a atividade econômica alcança seu nível mais alto, tanto na atividade produtiva quanto nos indicadores econômicos.

- **Contração (Recessão):**

Momento de desaceleração da atividade econômica, onde a produção diminui, índices de desemprego aumentam e os investimentos e o consumo diminuem. A confiança dos consumidores e empresários retraem, portanto, a medida em que apareçam incertezas sobre o futuro da economia.

- **Vale (Depressão):**

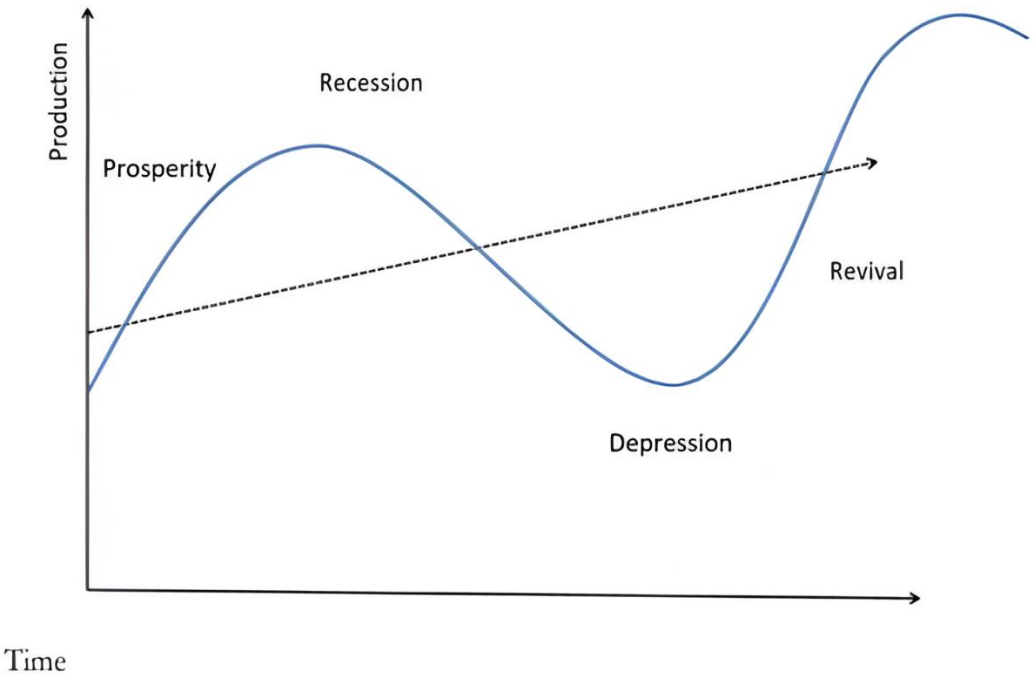
Período onde a atividade econômica atinge o seu momento mais crítico, com retração enorme da atividade econômica, índices enfraquecidos, taxas de desemprego altas e negócios em dificuldade.

Esta interpretação, no geral, descreve os processos em ciclos de negócios. No entanto, diversos autores divergem sob a caracterização cíclica, de como ocorrem e em qual período específico. Cabe, neste sentido, retratar como a perspectiva cíclica funciona entre as definições expostas anteriormente. Ekerman e Zerkowski (1984, p. 220) expressam que Schumpeter

> [...] aborda o problema por meio de aproximações sucessivamente mais complexas. Na primeira, considera um ciclo de duas fases – prosperidade e recessão – no qual inexistem ondas secundárias, isto é, o único fator do ciclo são as inovações que se incorporam em novas firmas. Na segunda, considera um ciclo de quatro fases – prosperidade, recessão, depressão e recuperação – no qual ocorrem ondas secundárias, isto é, além do fator primário, inovações, intervém fatores secundários que dizem respeito a reação de velhas firmas. Na terceira, considera que ciclos longos, *Kondratieffs,* ciclos intermediários, *Juglars,* e ciclos curtos, *Kitchins,* se superpõem.

A Figura 1 demonstra, simplificadamente, como se comportam (teoricamente) as fases cíclicas na perspectiva schumpeteriana.

Figura 1 - Os ciclos e suas fases



Fonte: Assen Slim, 2019.

A análise a partir da norma teórica de Schumpeter permite, portanto, relacionarmos os ciclos de negócios em perspectivas distintas no processo econômico. Como constata-se, apesar de ser reconhecidamente parte de um processo cíclico, o Pico (Boom) em Schumpeter pode ser caracterizado como um "quase" Pico. As fases mais importantes, representadas anteriormente, compreendem momentos de reinvenção constante da produção econômica a partir das inovações, sejam elas causadas por choques tecnológicos ou de produtividade, sejam por novas formas de organização do trabalho, que se incorporam dentro do mercado, reforçam a necessidade de antigas firmas se reinventarem, instruindo o processo cíclico, novamente, a um momento de Recessão. Schumpeter chamaria este fenômeno de "Destruição Criativa", contudo, não nos cabe analisar suas características neste projeto.

Porventura, como demonstrado anteriormente, cada ciclo econômico pode ser representado com ondas longas, intermediárias e curtas de duração, bem como seu tempo específico dentro da fase cíclica. O Quadro 1 traz uma simplificação sucinta de cada período, bem como o tempo específico/teórico e autores que dão nome as fases.

Quadro 1 - Ciclos de Kitchin, Juglar, Kuznets e Kondratieff

Ciclos	Períodos	Características
Kitchin	Entre 3 a 4 anos	Quando atrelado aos estoques das companhias (empresas), os movimentos apresentam-se como ciclos menores.

Juglar	Entre 7 a 11 anos	Visto pela ótica de bens e capitais, associados a uma economia industrial ou pós-industrial, baseando-se no comportamento dos gastos com equipamentos e estrutura. Esses ciclos foram, essencialmente, encurtados após a Segunda Guerra Mundial, devido aos avanços tecnológicos e a disseminação de informações.
Kuznets	Entre 15 a 20 anos	Estes ciclos são denominados de ciclos demográficos ou construtivos, os quais demonstram modificação no tempo em referência a determinação e variação do crédito disponível e das questões demográficas ligadas ao próprio mercado.
Kondratieff	Entre 50 a 60 anos	Estes ciclos estão ligados significativamente aos avanços tecnológicos e a mutação dos bens de capital. Para seu criador, cada ciclo detinha um período de recessão e um de ascensão.

Fonte: elaboração do autor com base em Venturini L. D. B. et al. (2021)

Logo, a interrelação dos ciclos acontece de forma suplementar ao longo da história econômica, sob perspectivas de fatores exógenos e endógenos que interferem diretamente na ruptura de um processo. A interpretação deste fato, sobretudo, nos permite denotar a modificação cíclica que interrompe um procedimento destacadamente contemplado pelos ciclos, neste sentido, na perspectiva longínqua do processo de produção industrial.

No modo de produção vigente, considera-se os fatos de que, nos ciclos apresentados, o setor industrial possui papel de destaque no centro das transformações dinâmicas da economia, sejam elas processos estacionários ou não. Neste sentido, um importante aspecto de destaque é apresentado, independente dos ciclos econômicos, a ver, em momentos de depressão, crise ou crescimento, o setor industrial apresenta-se na centralidade desses movimentos. Sobel e Clemens (2021, p. 47) vislumbram essas características de centralização do processo econômico nas elucidações de Schumpeter, quando este acredita ser fundamental, a primórdio, que os investimentos produtivos sejam focados em um setor específico, a ver

> Para Schumpeter, no entanto, é fundamental que esses investimentos e atividade econômica se agrupem dentro do único ramo da economia em que a inovação ocorre. Em outras palavras, na primeira fase de expansão, a prosperidade ou desenvolvimento econômico não ocorre de forma ampla na economia, mas apenas em um setor específico.

Deste modo o setor industrial, fomentado pelos movimentos intrínsecos dos ciclos econômicos, é estabelecido como fator interno essencial desses movimentos. Stiglitz (2017), expressa essas características quando retrata que dá-se irrisória importância ao vínculo da estrutura industrial e o ritmo de inovação, fator também de interesse em Schumpeter (2017). Neste sentido, o foco principal de qualquer produção organizada relaciona-se, diretamente, no setor industrial. Os ritmos de inovação, investimento e perspectiva de desenvolvimento

centralizam-se nos processos inovativos da indústria, incluso também nos agentes endógenos, modificando as estruturas da economia por dentro.

A inversão do ciclo, desta forma, se dá pela mudança de ótica na relação intrínseca dos fatores relacionados as fases do processo cíclico e os setores produtivos. Em outras palavras, dedutivamente, a centralização dos processos no setor industrial impulsiona a economia para um estágio de crescimento (i.e., relacionado diretamente aos processos de inovação e ritmo da economia). De forma semelhante, em processos identificados como recessão, a economia tender-se-ia a ser impactada, a primórdio, pelo setor industrial, atingindo os demais setores produtivos.

Contudo, o fator exógeno já expresso alhures[3] fez com que a centralização do período recessivo na economia (no qual discutiremos a seguir) se concentrasse no setor de serviços, invertendo assim a perspectiva cíclica. A FGV IBRE (2021) expõe que

> A pandemia da Covid-19 provocou uma recessão mundial e posterior retomada com padrões diversos das oscilações econômicas do passado. Com a quarentena e o isolamento social, o surto do novo coronavírus atingiu muito mais o setor de serviços do que a indústria [...].

Neste sentido, uma definição clara para a inversão do ciclo econômico é a concentração (ou desencadeamento) do processo recessivo da economia brasileira identificado não no setor industrial (embora, também, atingido por ela) mas no setor de serviços, principal propagador do processo recessivo.

[3] O termo *alhures* nada mais é do que uma expressão que relaciona-se ao passado, algo que foi dito “em outro momento” ou “em outro lugar”. Pode ser expresso como algo dito “anteriormente”.

4 CICLOS ECONÔMICOS NO BRASIL

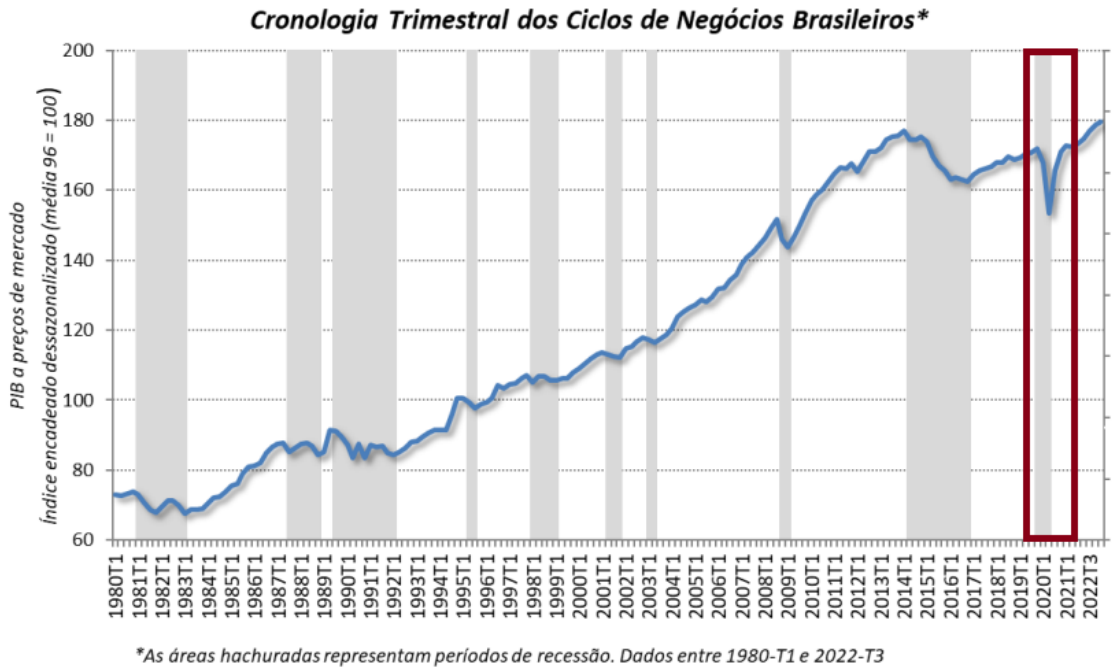
A análise da perspectiva cíclica brasileira tornou-se, neste sentido, imprescindível. A característica denotada pela inversão do ciclo econômico proporcionou designações incomuns dentro dos setores produtivos. É importante entendermos como estes mecanismos funcionam em uma análise pormenorizada e, de forma sucinta, em um período específico no tempo.

4.1 Recessão pelo fator exógeno

Na evidência de um comportamento de inversão dos ciclos, e na consideração dos setores produtivos nacionais no desenvolvimento interno, constata-se na produção de elementos que delineiam este processo, neste caso, da inversão cíclica econômica do Brasil a partir dos principais setores produtivos, a indústria e serviços, caracterizações de extrema importância que se relacionam diretamente as contribuições anteriores sobre o processo dos ciclos econômicos e como estes interferem diretamente no andamento da produção nacional.

O CODACE (2023), dentro deste panorama identificou, a partir do primeiro trimestre de 2020, um padrão cíclico que se relaciona diretamente com um comportamento recessivo, ou seja, de declínio dos processos econômicos e retração da atividade produtiva, bem como um vale apresentado no segundo trimestre. A Figura 2 nos traz, de forma coerente, a análise realizada pelo Comitê.

Figura 2 - Cronologia Trimestral dos Ciclos de Negócios Brasileiros



Fonte: Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos (2023) com destaque do autor.

Apesar da longa amostragem dos ciclos econômicos realizada pelo CODACE, nos interessa (com diretrizes específicas do trabalho) apenas a área destacada em vermelho, compreendendo os períodos entre 2020 a 2021, respectivamente, a partir do período recessivo iniciado a partir do 1T20, até sua reexpansão apresentada em 2021. Desta forma, este processo cíclico contrasta-se, diretamente, com o início do ciclo pandêmico no Brasil, iniciado pela Covid-19. A Agência Brasil (2021), refazendo um panorama histórico, nos traz que

> O Brasil identificou a primeira contaminação pelo novo coronavírus no final de fevereiro de 2020, enquanto a Europa já registrava centenas de casos de covid-19. A declaração de transmissão comunitária no país veio em março, mês em que também foi registrada a primeira morte pela doença.

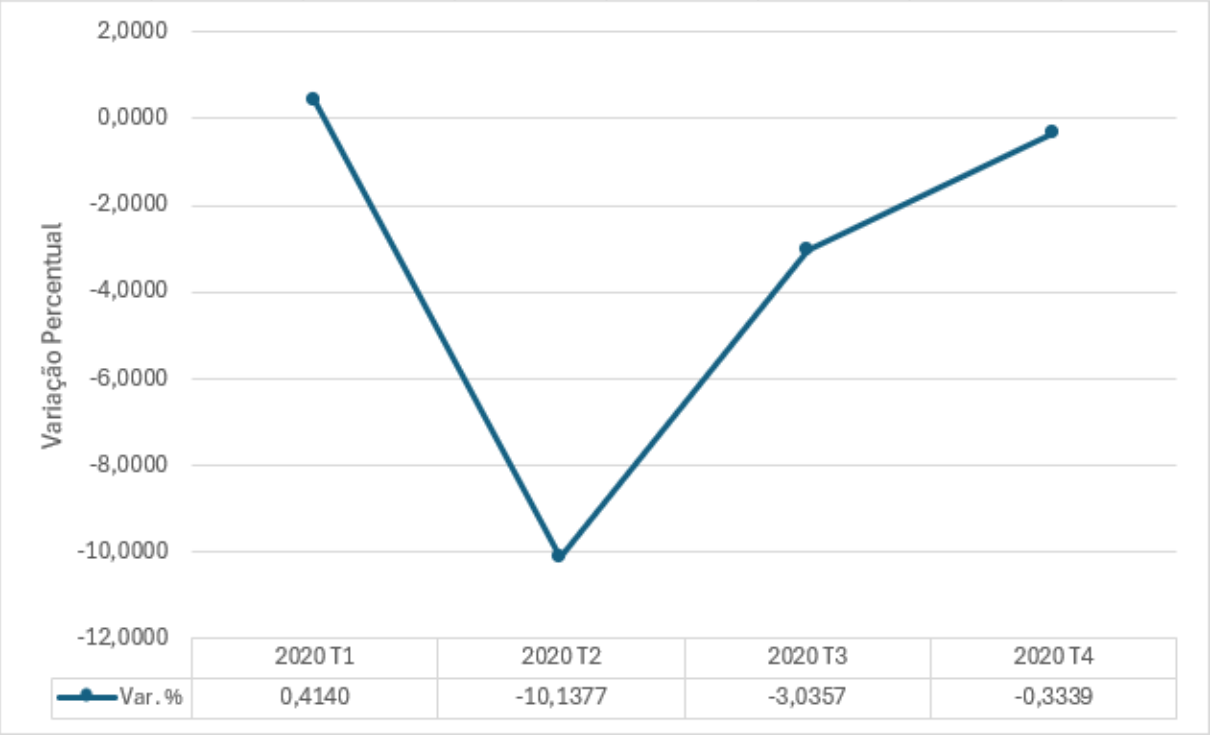
A indicação exógena, aqui, apresenta-se. A pandemia atingiu, de forma expressa, todos setores produtivos da economia, i.e., ocasionando um processo de retração econômica intenso, exigindo medidas endógenas por parte da política econômica. Não obstante, os principais setores econômicos tiveram comportamento retraído, principalmente com a dificuldade em relação as interrupções na cadeia global de suprimentos e insumos, reduzindo assim a produção e processos econômicos.

A evidência parte do princípio da ótica do PIB. Trazendo em análise dados divulgados pelo Estatísticas Econômicas – Agência IBGE (2021), em razão principalmente do fator exógeno identificado, o PIB nacional apresentou retração de 4,1% no acumulado frente ao ano anterior, uma das menores taxas da série histórica, iniciada em 1996. Os setores produtivos,

portanto, sinalizam esta recessão quando apresentam retrações de 3,5% (indústria) e 4,5% (serviços). Mesmo não sendo enfoque deste trabalho, o setor agropecuário manteve-se firme neste período, alcançando variação positiva de 2,0%, devido principalmente as exportações realizadas e ao aumento dos preços no mercado de commodities mundial.

Ainda sob a ótica da produção nacional, podemos denotar o comportamento recessivo a partir das análises produtiva/trimestral. Para isto, o Gráfico 1 compreende papel de suma importância no apontamento do processo recessivo quando identificamos que, a partir do 1T20 temos uma atividade econômica fraca, seguidos de produção negativa (em relação à trimestres anteriores) entre os 2T20, 3T20 e 4T20, impactados diretamente pelo fator exógeno. É importante salientar, ademais, que apesar do resultado positivo no 1T20 a atividade econômica, através das perspectivas dos mercados externos, já sinalizava retração da atividade produtiva da economia, que foi posteriormente ocasionado pela Covid-19.

Gráfico 1 - PIB a preços de mercado: variação real trimestral sobre o trimestre anterior (2020)

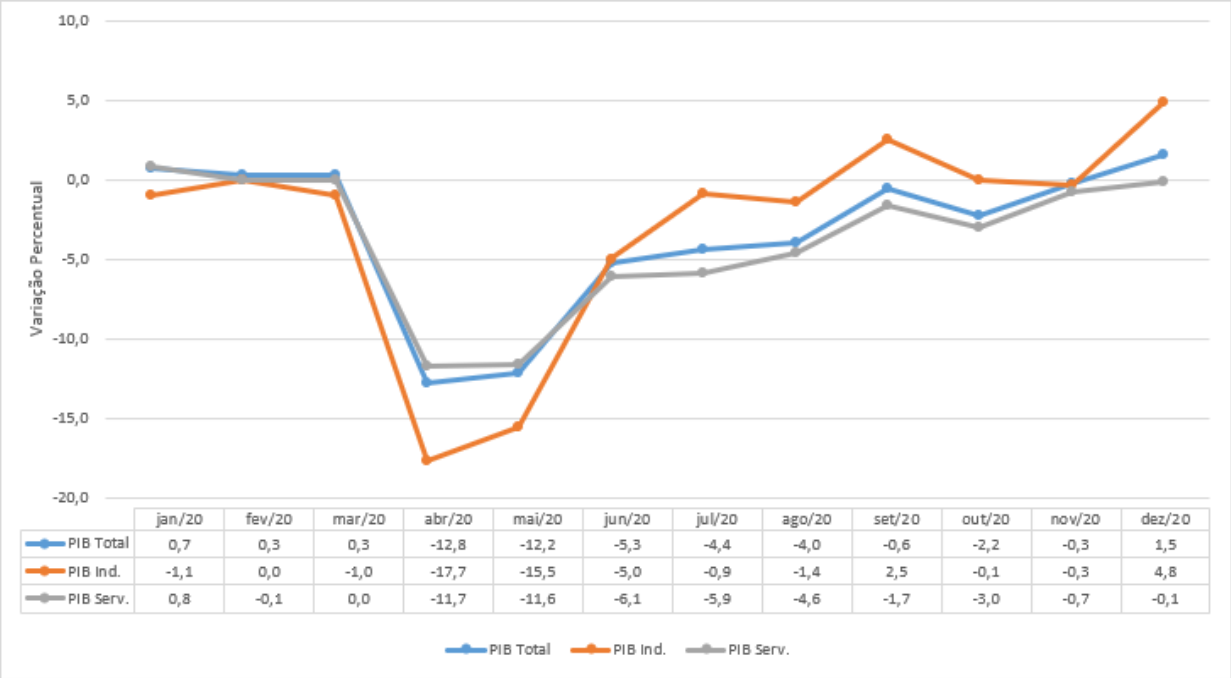


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Ipeadata (2024).

Sob caracterização dos setores produtivos, temos uma relação intrínseca entre o setor industrial e o de serviços, também a partir da ótica do PIB, que demonstram características relacionadas ao processo exógeno que interfere diretamente na economia. Podemos ver estas caracterizações no Gráfico 2, onde os ciclos de crescimento demonstram o impacto e relação

causal entre fator exógeno afetando diretamente o setor industrial e serviços, que também interferem no resultado da produção nacional, o PIB. É possível perceber, ademais, recuperação ligeiramente mais rápida do setor industrial frente a recessão, principalmente a partir de jul/20 frente ao setor de serviços, que neste momento impacta muito mais no resultado improdutivo da economia.

Gráfico 2 - Ciclos de Crescimento do PIB Total, Indústria e Serviços (2020)

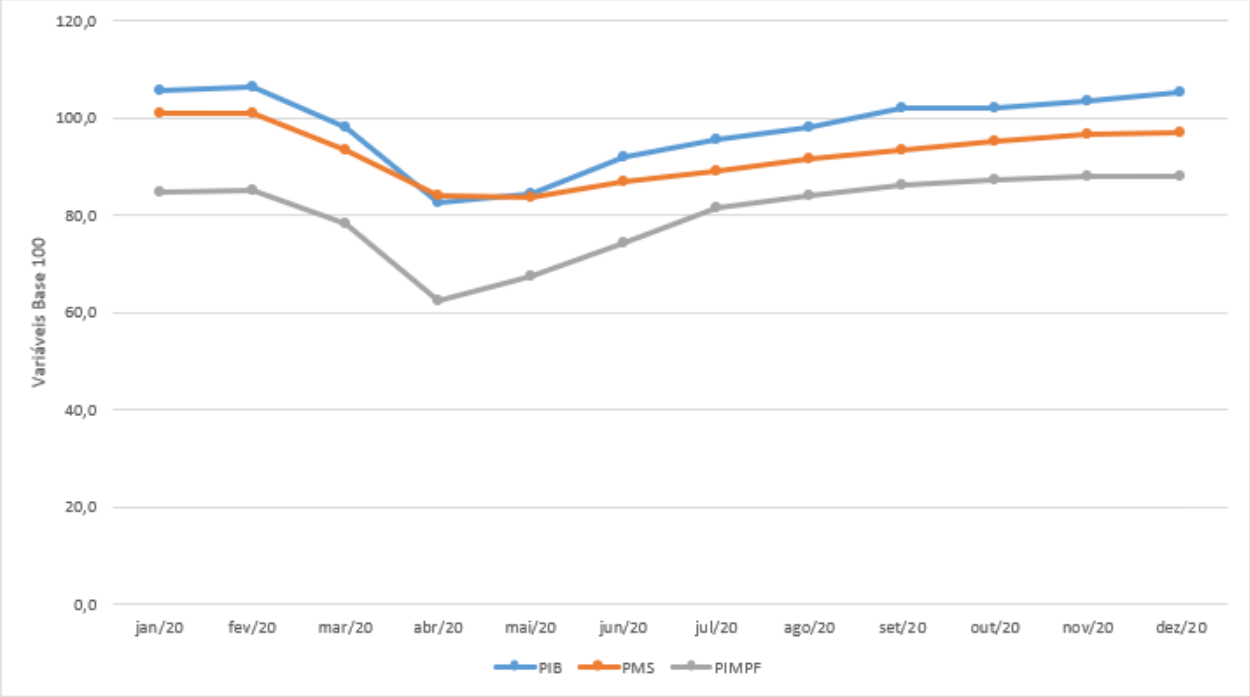


	jan/20	fev/20	mar/20	abr/20	mai/20	jun/20	jul/20	ago/20	set/20	out/20	nov/20	dez/20
PIB Total	0,7	0,3	0,3	-12,8	-12,2	-5,3	-4,4	-4,0	-0,6	-2,2	-0,3	1,5
PIB Ind.	-1,1	0,0	-1,0	-17,7	-15,5	-5,0	-0,9	-1,4	2,5	-0,1	-0,3	4,8
PIB Serv.	0,8	-0,1	0,0	-11,7	-11,6	-6,1	-5,9	-4,6	-1,7	-3,0	-0,7	-0,1

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da FGV IBRE (2024).

Ademais, pode-se identificar retração cíclica dos ciclos de negócios brasileiro entre este mesmo período, considerando sob perspectiva o PIB, o setor industrial analisado pela Pesquisa Industrial Mensal (PIMPF) e pela Pesquisa Mensal de Serviços (PMS). O Gráfico 3 nos traz um pouco mais em relação a estes processos, onde identifica-se um comportamento semelhante aos já apresentados alhures, com tendência cíclica recessiva entre os setores produtivos analisados e o PIB. Esta relação, se tratando de ciclos de negócios, representa grande retração da atividade produtiva e impacto imediato sob a ótica da oferta de mercadorias e serviços aos agentes econômicos e indivíduos principalmente, neste caso, do setor industrial, prejudicado pela cadeia de insumos encarecida.

Gráfico 3 - Ciclos de Negócio do PIB, PMS e PIMPF (2020)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da FGV IBRE (2024).

Nota-se, neste caso, que o índice PMS aponta, dentro do processo recessivo, uma perspectiva de crescimento acima da indústria. Neste sentido, a análise é concernente com o fato de que, como aponta Houldine Nascimento no site Poder360 (2023), o setor de serviços representa, com base em dados do IBGE, mais de 70,9% do PIB, seguido de aproximadamente 22,5% da indústria e 6,6% agropecuária, o que significa maior impacto direto no PIB e inferência sobre o resultado geral da economia. O Quadro 2 abaixo faz uma análise de participação dos setores na economia de forma sucinta.

Quadro 2 - Composição do PIB e setores adjacentes da economia

Setores principais e adjacentes	**Part. PIB (em %)**
Serviços	**70,9**
Comércio Varejista	11,1
Administração Pública	10,1
Atividades Financeiras	6,9
Educação	6,4
Saúde	5
Indústria	**22,5**
Transformação	12,3
Construção	4,1
Indústria Extrativa	2,9
Energia	2,3

Agropecuária	6,6
Agricultura	4,6
Pecuária	1,5

Fonte: elaboração do autor com base no site Poder360 (2023) apud Contas Nacionais Trimestrais IBGE (2020).

Sobre estas caracterizações, Campelo (superintendente de Estatísticas Públicas da FGV IBRE), específica uma relação direta entre os setores produtivos da economia brasileira analisadas a partir de medianas de processos recessivos anteriores, em paralelo ao período recessivo ocasionado pelo fator exógeno. Sobre este fato, explica que

> [...] 7 meses após o início da recessão de 2020 haviam recuperado [serviços] 84% das perdas iniciais, registraram na mediana das nove recessões anteriores um avanço de 128%, também no sétimo mês após o início. Na mediana das nove recessões anteriores, a perda do PIB de serviços foi de apenas 1,8% contra expressivos 11% em 2020. [...] a indústria recuou, em termos medianos, 11,9% nas recessões anteriores e, desta vez, perdeu 15,9% entre fevereiro e abril. Não muito distante (FGV, 2021).

Não obstante, os processos cíclicos analisados são concernentes na relação entre fator exógeno/recessão econômica e, sobretudo, na perspectiva de desencadeamento do processo recessivo por parte do setor de serviços, invariavelmente impactado fortemente pelas características do período pandêmico.

4.2 Expansão econômica e recuperação

Contudo, parte do processo recessivo da economia brasileira neste período foi remediado, principalmente, por processos endógenos ligados exclusivamente a política econômica. Os setores produtivos, de forma específica indústria e serviços, passaram a apresentar melhor desempenho a partir de 2021, sustentando novamente o processo de recuperação econômica.

A FGV IBRE (2021) aponta essencialmente este processo, principalmente na interferência de políticas econômicas que garantiram, de forma parcial, o consumo das famílias e o desempenho melhor do setor industrial frente a serviços. Desta forma, temos que

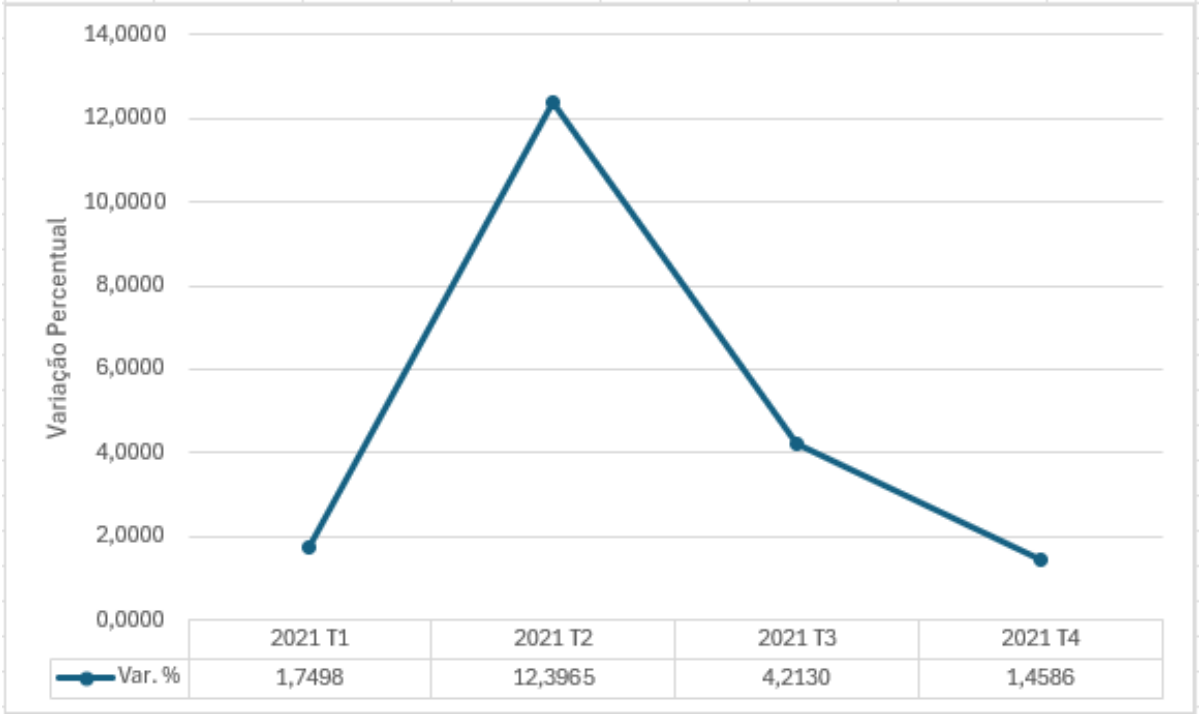
> Os programas do governo de sustentação da renda das famílias e do emprego, com absoluto destaque para o auxílio emergencial, significaram uma poderosa injeção de poder de compra, que mais do que compensou as perdas sentidas no mercado de trabalho. Adicionalmente, impedidas de consumir serviços, as famílias redirecionaram seu consumo para os bens.

O resultado econômico em 2021, invariavelmente, mostra recuperação produtiva, principalmente dos setores econômicos e, essencialmente, do setor de serviços, que impulsa o

resultado do PIB. Em análise realizada pelo Estatísticas Econômicas – Agência IBGE (2023), Caio Belandi aponta os seguintes processos relacionados a atividade produtiva nacional do período, com crescimento do PIB em 4,8%, recuperando-se da queda no ano anterior. O valor adicionado dos serviços foi de, aproximadamente, 4,8% e indústria 5,0%, ambos com valores já revisados em decorrências de novas incorporações no processo de análise.

Trazendo em perspectiva dados relacionados ao período de 2021, pode-se constatar a reexpansão econômica advinda a partir do PIB real trimestral. O Gráfico 4 apresenta características proporcionalmente inversas ao período anterior, com recuperação econômica. O 1T21 já apresenta recuperação frente ao período anterior, contudo, ainda retraído, sendo no 2T21 que apresenta-se expansão muito mais robusta da produção econômica. No 3T21 e 4T21 a economia reajusta-se novamente para a média de produção, no entanto, ainda bem acima da produção anterior.

Gráfico 4 - PIB a preços de mercado: variação real trimestral sobre o trimestre anterior (2021)

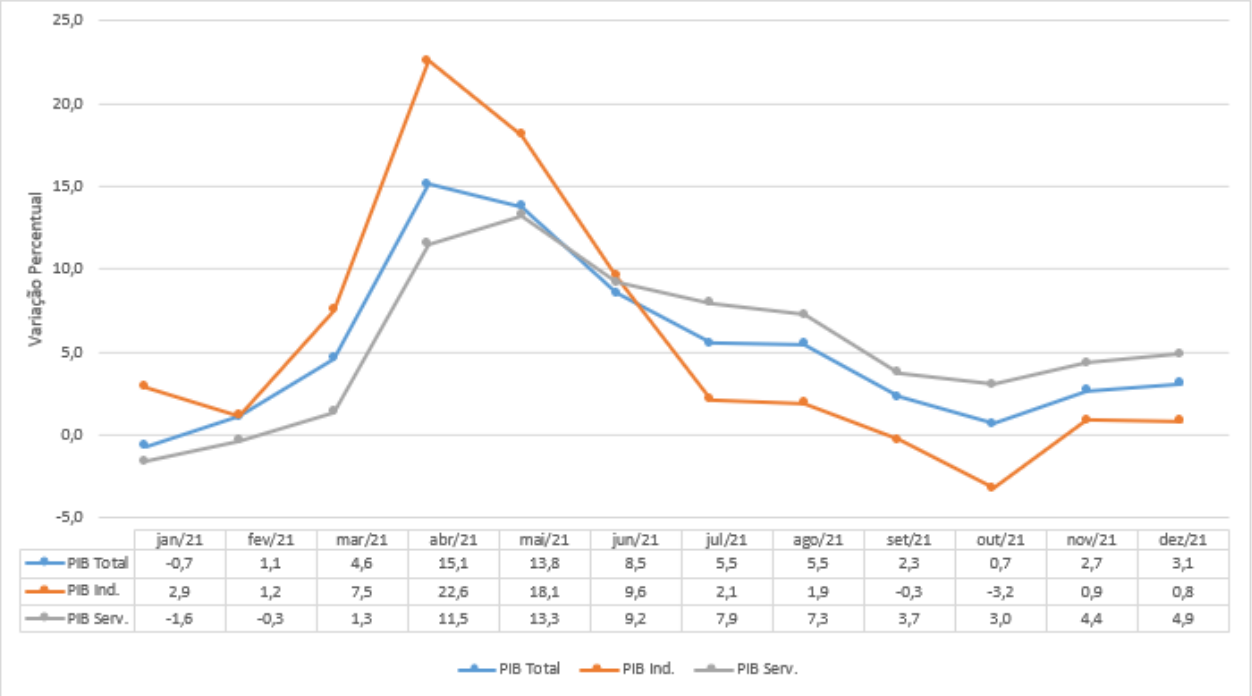


Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Ipeadata (2024).

Relacionando, novamente, os setores produtivos da economia em análise, constata-se recuperação e relação direta entre indústria e serviços com o PIB nacional. O Gráfico 5 demonstra associações de forma aproximada através dos ciclos de crescimento da economia, com recuperação dos processos produtivos iniciada a partir de fev/21 e atingindo seu pico de recuperação (em relação ao período anterior, importante de ser destacado) em abr/21. Logo

após, os ciclos de crescimento ajustam-se novamente para a média produtiva, contudo, com produção efetivamente maior em relação ao período anterior.

Gráfico 5 - Ciclos de Crescimento do PIB Total, Indústria e Serviços (2021)

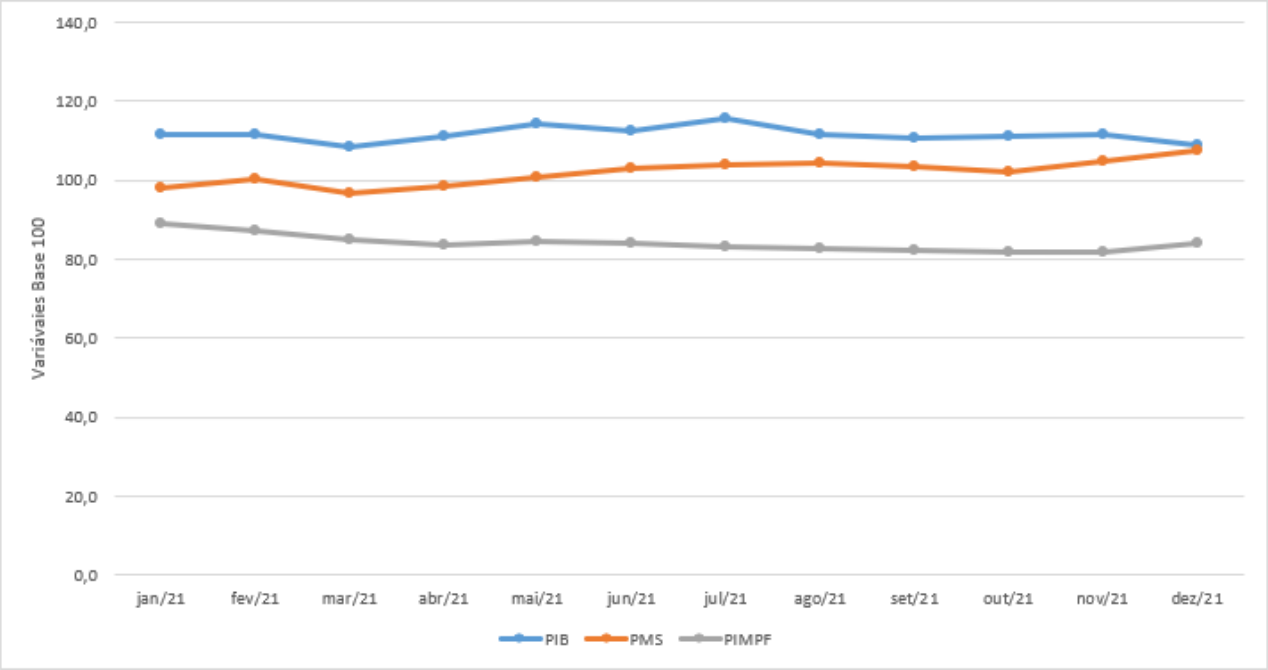


	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21	ago/21	set/21	out/21	nov/21	dez/21
PIB Total	-0,7	1,1	4,6	15,1	13,8	8,5	5,5	5,5	2,3	0,7	2,7	3,1
PIB Ind.	2,9	1,2	7,5	22,6	18,1	9,6	2,1	1,9	-0,3	-3,2	0,9	0,8
PIB Serv.	-1,6	-0,3	1,3	11,5	13,3	9,2	7,9	7,3	3,7	3,0	4,4	4,9

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da FGV IBRE (2024).

Sob perspectiva dos ciclos de negócios brasileiro, novamente constatamos as relações diretamente ao PIB, com dados referentes ao PMS e PIMPF. O Gráfico 6 indica recuperação acima das expectativas na mensuração produtiva do setor industrial e, principalmente, do setor de serviços. O setor industrial, apesar dos resultados superiores ao período anterior, manteve-se na média base produtiva durante todo período de 2021, enquanto o setor de serviços ultrapassa a média base, com isso, caracterizando o início do processo de recuperação do setor.

Gráfico 6 - Ciclos de Negócio do PIB, PMS e PIMPF (2021)



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da FGV IBRE (2024).

A inversão cíclica, portanto, centraliza-se no setor de serviços, ou seja, no processo de recessão econômica. O setor industrial, no caso brasileiro, apresenta recuperação mais amena do processo produtivo, assimilando recuperações frente o setor de serviços a priori. A constatação deste fato pode ser expressa a partir da FGV IBRE (2021), que expõe

> No padrão clássico dos ciclos econômicos, as recessões e retomadas são puxadas principalmente pela indústria, com os serviços com o papel estabilizador. Como fica evidenciado, esse esquema foi posto de pernas para o ar na recessão da Covid-19. Agora, os serviços contribuíram expressivamente para a dinâmica da queda e são fator vital para a retomada, uma vez que a indústria vem apresentando robusta recuperação.

A posteriori, evidencia-se uma rápida recuperação do setor de serviços, iniciada principalmente a partir do 2T21. O protagonismo deste setor é reassumido a partir, neste sentido, em jul/21, quando apresenta profunda recuperação frente ao setor industrial.

5 ANÁLISE DOS IMPACTOS E PERSPECTIVAS DO PROCESSO CÍCLICO EXÓGENO NA ECONOMIA BRASILEIRA

Os processos e análises em torno da economia brasileira perpassam, como caracterizado a priori, pelos principais setores produtivos da economia. Uma alteração na composição cíclica ou um fenômeno exógeno caracterizam padrões incomuns de análise que podem constituir, em perspectiva, mudanças na percepção e importância dos mais variados setores.

Aqui é concebível analisar-se processos intrínsecos na recuperação dos setores a partir do processo recessivo ocasionado pelo fator exógeno representado na Covid-19, relacionando essa caracterização com a análise da participação dos setores produtivos da economia brasileira e sua importância ligados a produtividade[4], investimento e inovação.

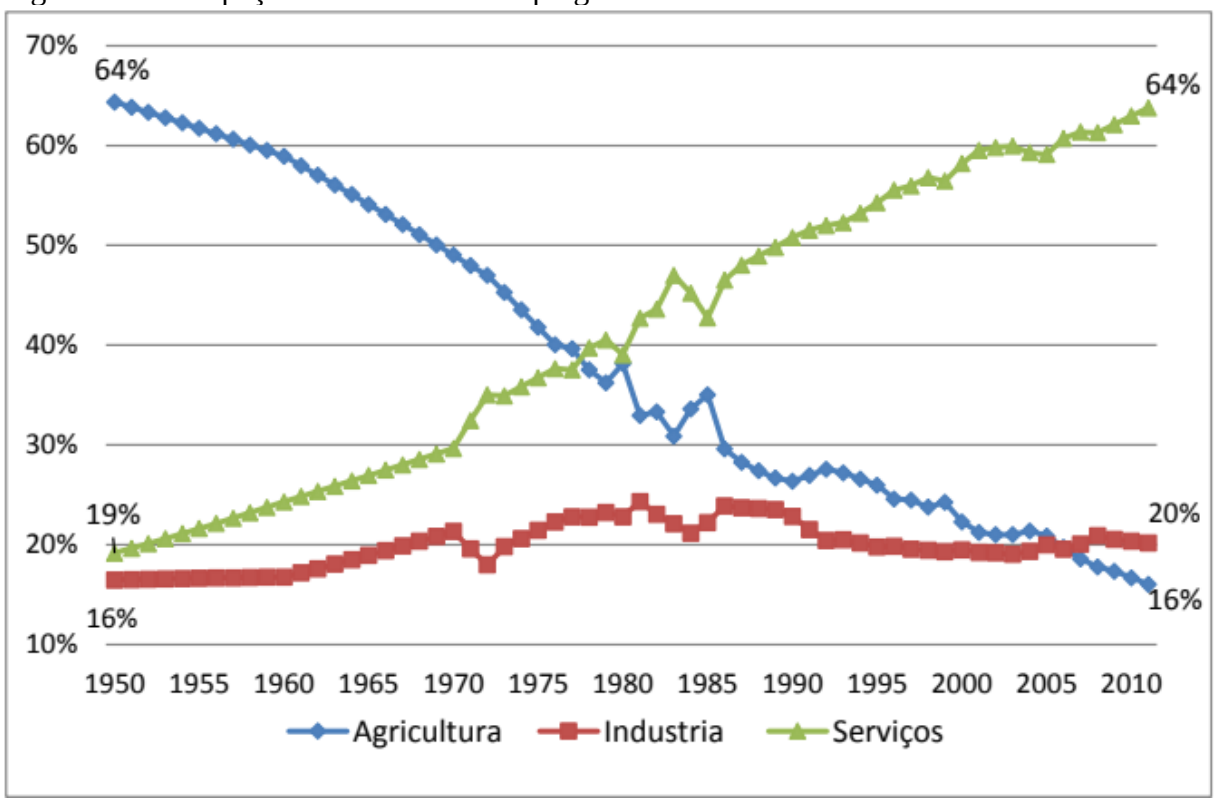
5.1 Recuperação dos setores: síntese teórica

A análise em capítulos anteriores denota como o processo cíclico retratado a partir de um fator exógeno interferiu diretamente nos processos relacionados a produtividade da economia, este identificado no PIB e na participação do setor de serviços e indústria na produção. O primeiro, neste caso, foi o principal atingido, tendo sua relevância em ponto de ancoragem substituída pela capacidade ruptora principal de modificação cíclica para um processo recessivo. Neste sentido, o setor industrial (outrora, principal responsável por estes processos) apesar de também atingido pelo fator exógeno, conseguiu recuperar-se de forma muito mais amena, fazendo com que o produto dependesse da recuperação dos serviços para retomada.

Isto é invariavelmente concernente com a importância com que o setor de serviços traz dentro da economia brasileira. Fazendo uma pequena análise histórica a fim de elucidar a sua importância, a Figura 3 demonstra como este setor passou a ter expressiva importância dentro dos processos econômicos do país, passando a ter um papel centralizador (substituindo o setor agropecuário) e interrelacionando a sua capacidade produtiva ao setor industrial, que se mantêm constante ao longo dos anos.

[4] Em nossos termos, *produtividade* está relacionado a eficiência da produção em relação a quantidade de insumos em determinadas faixas de tempo. Digamos que uma firma tenha aumentado sua produção e qualidade dos produtos em x % com a mesma quantidade de insumos do período anterior e conquistado novos clientes. Neste sentido, houve aumento de *produtividade.*

Figura 3 - Participação dos setores no emprego



Fonte: Silva, Filho e Komatsu (2016).

O setor industrial, apesar de ter uma recuperação tênue, apresentou características inerentes ao mercado emergente em que está inserido. Embora caracterize-se como os centros de capacidade produtiva e inovação, no Brasil, enfrenta processos que são ligados a natureza de sua importância específica na produção nacional, relacionados principalmente aos gargalos da ineficiência ao longo do tempo. Lopes (2022, p. 205) repercute a recessão pandêmica no setor industrial da seguinte maneira.

> A crise atual trouxe repercussões tanto na demanda como na oferta industrial. No primeiro caso, o medo do contágio somado à queda na renda dos consumidores repercutiu nos gastos privados, não totalmente compensados pelos gastos do governo. No segundo, com fábricas fechadas ou operando abaixo de sua capacidade e grande número de empregados impedidos de trabalhar, um menor número de produtos está à disposição da sociedade e a produção foi afetada pela falta de insumos intermediários (HARTWICH et al., 2020), particularmente daqueles produtos destinados à área da saúde.

De forma interrelacionada e com características de semelhantes no processo cíclico analisado, o setor de serviços, em meio ao período recessivo, preocupou-se muito mais com sua sobrevivência inerente ao mercado em dificuldade do que, a priori, a situação de calamidade emergencial da saúde. Junior, Gouveia e Tobler (2020) através do Blog do IBRE, expõe a seguinte caracterização sobre este processo.

> No Brasil, na medida em que as medidas de restrição à circulação vão sendo abrandadas, esta tendência também se torna evidente. O foco deixa de ser a simples "permissão para operar" e passa a ser a normalização da cadeia de produção ou o retorno da demanda por parte dos consumidores. Mas estes, além de terem sofrido com o baque no mercado de trabalho, ainda se sentem desconfortáveis para consumir alguns dos serviços anteriormente demandados e continuam adotando uma postura muito cautelosa.

Trazendo novamente em perspectiva o setor de serviços, pode-se relacionar a retomada de crescimento (não necessariamente o atual, pós-período recessivo) a fatores ligados a produtividade e inovação. Rosa (2020), caracteriza a retomada de crescimento ao fato intrínseco do investimento aliado ao aprimoramento da produtividade/inovação como fator duradouro, o que exemplifica a importância do setor dentro da ótica do PIB nacional e sua participação.

Em contrapartida, precisa-se aliar a capacidade inovativa a produtividade, principalmente entre os principais setores em análise. Silva, Filho e Komatsu (2016) supracitando Baumol realiza designações remontando a interdependência entre os setores mais produtivos da economia, representados pelo setor dinâmico (que pode ser concebido pela indústria) e menos dinâmicos (como o setor de serviços). Sobre isto, apresenta-se

> [...] à medida que o setor mais dinâmico apresente ganhos de produtividade, mais trabalho será transferido para o setor de serviços, explicando o deslocamento total da força de trabalho para os setores menos dinâmicos e culminando com taxas de crescimento da produtividade próximas a zero. Dessa maneira, Baumol (*Op. cit.*) mostra que há uma tendência à economia de serviços e, inerente a esse processo, a consequência inevitável da estagnação do crescimento da produtividade, comprometendo o crescimento de longo prazo [...].

Da mesma maneira em que se pode conceber serviços como um setor de baixa produtividade que impacta diretamente na capacidade produtiva do país, há caracterizações que mostram a ambiguidade deste fato. Silva, Filho e Komatsu (2016) apud Oulton (2021) descaracterizam a visão de baixa produtividade dos serviços e demonstra, parcialmente, como a relação serviços e indústria podem ser capazes de auferir aumentos produtivos na economia geral. Desta forma, tem-se que

> Descontruindo a visão tradicional [...] a expansão dos serviços destinados ao consumo intermediário dos setores industriais permitirá taxas de crescimento de produtividade positivas, uma vez que a especialização dos serviços prestados e a divisão do trabalho trariam economias de escala às atividades industriais.

Neste sentido, a mudança da capacidade inovativa/técnica é essencial. Considerando, novamente, o setor industrial como centro dinâmico da economia, poder-se-ia aludir que os investimentos e as difusões das inovações produziriam impactos no aspecto macroeconômico. Dathien (2003, p. 202) apud Dosi (1984, cap. 5) nos traz que

> A mudança técnica provoca a difusão interindustrial das inovações, que produz impactos macroeconômicos, tanto em termos de oferta quanto de demanda agregada. O resultado é um aumento de eficiência sistêmica, com o crescimento da

> produtividade do trabalho. Isso porque ocorrem inovações e aperfeiçoamentos adicionais derivados da expansão das empresas inovadoras e das imitadoras. As empresas que adquirem e adotam bens de produção inovadores também promovem inovações maiores ou menores. Tal atitude cria novos mercados e amplia os existentes, o que estimula novos investimentos. Assim, a difusão tecnológica na produção e na demanda são fortemente interdependentes.

Desta forma, ao desenvolver um novo mecanismo produtivo, produto ou novas formas de produção, os mecanismos econômicos tenderiam a substituir os meios antigos, causando uma ruptura no equilíbrio no qual a economia se encontra e, de forma geral, provocando reavaliações de consumo e investimento na esfera microeconômica. Os impactos da inovação, portanto, são diluídos dentro do sistema econômico entre os setores, possibilitando recuperação em momentos de recessão (PAIVA et al., 2018, p. 157 apud SLEDZIK, 2013, p. 90).

Tendo como exemplo, desta forma, o setor de serviços, apresenta-se neste âmbito os *serviços intensivos em conhecimento*[5] que constituem atividades fortemente relacionadas a processos de inovação, atuando em parceria com o setor produtivo de assimilação de novas tecnologias (SILVA, FILHO e KOMATSU, 2016, p. 8 apud TORRES-FREIRE, 2006).

Contudo, *mudanças estruturais*[6] requerem processos cíclicos que são fundamentalmente apresentados no longo prazo e, apesar da mudança desta representada na participação dos setores produtivos da economia brasileira (vide Figura 3), um choque exógeno foi capaz de apresentar uma mudança no comportamento cíclico, que adjunto as fragilidades do mercado brasileiro e dificuldades produtivas dos setores da indústria e serviços, bem como sua interrelação totalmente fragilizada (principalmente, pela não contribuição entre os setores, característicos de um mercado emergente) apresentou sérias dificuldades, principalmente em 2020.

No entanto, a pronta recuperação destes setores em 2021 possibilita as idealizações dos processos retratados anteriormente, principalmente pela integração dos dois principais setores da economia, relacionando capacidade de investimento, produtividade e inovação. E, novamente, a mudança tender-se-ia a ser estrutural, o que requer grande capacidade dos fatores endógenos ligados a economia brasileira no fortalecimento dos processos.

[5] *Serviços intensivos em conhecimento (SIC's)* são tipos especiais de empresas pertencentes ao setor de serviços que se caracterizam como organizações com fontes primárias de informação.
[6] Caracteriza-se por uma mudança de longo prazo na estrutura econômica, seja nos meios produtivos ou na organização/importância entre os setores econômicos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as análises realizadas constata-se, a priori, que as relações envolvendo os processos cíclicos e a inversão destes dentro da economia brasileira a partir de um fator exógeno se comprova, sobretudo, pela caracterização dos dados realizados. O setor de serviços, cerne deste processo de inversão, representa grande parte dos problemas relacionados ao atingimento do fator exógeno da economia, bem como papel central, também, nas relações de retomada do crescimento.

Denota-se, ainda, que processos cíclicos precisam de forma constante serem analisados. Pequenas transições de curtíssimo prazo, como as analisadas neste trabalho, podem se constituir em mudanças ruptoras no processo econômico de longo prazo, das relações produtivas, do processo de inovação e das mudanças estruturais que a economia pode vir a ter, levando a um novo ciclo de desenvolvimento econômico.

Especificamente, os processos ligados a inversão cíclica liderado pelo setor de serviços compreendem processos incomuns dentro dos ciclos econômicos, geralmente não identificados em outras recessões exógenas ocasionadas por choques específicos. Desta forma, tanto a baixa produtividade do setor, como no caso brasileiro analisado, quanto a falta de interrelação entre os demais setores produtivos da economia brasileira ajudam a entender a vulnerabilidade do setor e a fragilidade da economia brasileira as recessões.

Tendo isto em vista, processos recessivos de curtíssimo prazo tendem, de forma direta, a impactar na recuperação da economia para o longo prazo. Medidas endógenas contrárias ao momento específico de recessão (como políticas econômicas expansionistas), ademais, reforçam a necessidade de reestruturação do processo produtivo a partir da renovação da cadeia produtiva e choques tecnológicos, advindos da inovação, tanto no setor industrial quanto em serviços, constituem papel importante na retomada amena da economia aos ciclos de crescimento e desenvolvimento.

O que se considera neste projeto é que, em tese, a simples caracterização dos ciclos econômicos é importante. Não apenas isto, mas o entendimento de que choques exógenos podem influenciar a longo prazo. O tema em si tem diversas designações que ajudam no entendimento da dinâmica econômica ao longo do tempo e, indubitavelmente, relações curtas de produção. Relacionar este tema ao caso brasileiro nos ajuda a elucidar alguns processos intrínsecos internos e como eles se relacionam na economia.

Sob essa relação, a caracterização dos fatores relacionados a produtividade, inovação e interrelação dos setores mais produtivos da economia brasileira se faz presente. É através destes que os processos econômicos do país podem seguir a tendência de economias mundiais, com aparato de inovação crescente e ampliado aos diversos setores da economia. Contudo, como expresso alhures, as mudanças precisam passar, primeiramente, por mecanismos estruturais e características endógenas da economia do país.

Com uma possível interrelação entre os setores, é destaque a participação de órgãos federais e o setor privado na elaboração e parcerias público-privados que possam incentivar os processos de inovação e/ou identificar caracterizações inventivas ainda não percebidos *ex ante*. A ampliação deste processo tender-se-ia a se focalizar em um único setor, a priori, mas expandido aos demais de forma rápida considerando um ciclo de curto prazo (Kitchin ou Juglar).

A expansão, a priori, tenderia trazer modificações no setor privado, contudo, também expandida a órgãos federais e, a longo prazo (Kuznets e Kondratieff) esferas municipais. Exemplos claros de modernização produtiva, de capital humano e social seriam projetos escolares de base ou médios, através do atingimento de fatores tecnológicos que possam trazer o capital social a atualidade, possibilitando ganhos de produtividade ao setor industrial e, principalmente, ao setor de serviços, preparando sempre a economia para uma próxima expansão cíclica e crescimento geral da atividade agregada, além dos processos produtivos.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua fortemente para as relações de produção e análise dos ciclos econômicos, principalmente em eventos de curto prazo e identificação de tendências, bem como estas podem interferir diretamente no rumo interno da economia brasileira.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano.** Agência Brasil - Brasília, 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano. Acesso em: 18 out. 2022.

AGÊNCIA IBGE. **PIB cai 4,1% em 2020 e fecha ano em R$7,4 trilhões.** Estatísticas Econômicas, 2021. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30165-pib-cai-4-1-em-2020-e-fecha-o-ano-em-r-7-4-trilhoes. Acesso em: 15 jan. 2024.

AGÊNCIA IBGE. **PIB cresce 4,8% e totaliza R$9 trilhões em 2021.** Caio Belandi – Estatísticas Econômicas, 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38284-release-contas-nacionais. Acesso em: 15 jan. 2024.

BURNS, A. F.; MITCHELL, W. C.. **Measuring Business Cycles.** National Bureau of Economic Research, New York, 1946.

CARVALHO, F. J. C. **Keynes, a instabilidade do capitalismo e a teorias dos ciclos econômicos.** Pesquisa e Planejamento Econômico, volume 18, número 3, 1988.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4 ed. – São Paulo: Cortei, 2000.

CODACE. **Comunicado de Datação de Ciclos Mensais Brasileiros.** FGV IBRE, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/codace. Acesso em: 4 abr. 2023.

CONCEIÇÃO, E. V.; LIMA, F. G. **Choque exógeno: efeito hierárquico da confiança do empresário industrial em meio a pandemia de Covid-19.** Seminários em Administração, 2022.

COSTA, A. B. **O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter.** Caderno IHU Ideias, ano 4, nº 47, 2006.

DATHEIN, R. **Teoria Neoschumpeteriana e desenvolvimento econômico: o conceito, as bases teóricas e as políticas.** Estudos e pesquisas IEPE séries, p. 193-222, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

EKERMAN, R.; ZERKOWSKI, R. M. **A análise teórica schumpeteriana do ciclo econômico.** Revista Brasileira de Economia, v. 38, n. 3, 1984.

FGV IBRE. **Recessão e retomada de 2020 invertem padrão de ciclos econômicos do passado.** 2021. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/en/node/3792. Acesso em: 07 mai. 2022.

FGV IBRE. **Evolução das variáveis do ciclo brasileiro.** Portal do Ciclo, 2024. Disponível em: https://ciclo-economico-ibre.fgv.br/. Acesso em: 15 mar. 2024.

GARRETSEN, H. et al. **The pandemic that shocked managers across the world: The impact of the COVID-19 crisis on leadership behavior.** The Leadership Quarterly, vol. 35, ed. 5, 2024.

HARBELER, G. (1950). **Ciclos Econômicos na Economia Dirigida.** Revista Brasileira de Economia, v. 4n. 1, p. 39-58, 1950.

IPEADATA. **Produto interno bruto (PIB) a preços de mercado: variação real trimestral sobre mesmo trimestre do ano anterior.** 2024. Disponível em: http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx. Acesso em: 04 mar. 2024.

JUNIOR, A. C.; GOUVEIA, A. C.; TOBLER, R. **A difícil retomada após o tombo: uma lupa sobre o Setor de Serviços durante a pandemia de covid-19.** FGV IBRE – Blog do IBRE, 2020. Disponível em: https://blogdoibre.fgv.br/posts/dificil-retomada-apos-tombo-uma-lupa-sobre-o-setor-de-servicos-durante-pandemia-de-covid-19. Acesso em: 18 mar. 2024.

LIMA, I. C. **Ciclos econômicos e previsão cíclica: um estudo de indicadores antecedentes para a economia brasileira.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005.

LOPES, H. C. **A política industrial e a pandemia do novo Coronavírus: a retomada do debate e os desafios para a economia brasileira.** Revista economia ensaios, Minas Gerais, 2022.

MIKLIAN, J.; HOLSCHER, K.. **SMEs and exogenous shocks: A conceptual literature review and forward research agenda.** International Small Business Journal, vol. 40, p. 178-204, 2021.

NASCIMENTO, H. **PIB do Brasil cresce 1,9% no 1º trimestre de 2023, diz IBGE.** Poder360, 2023. Disponível em: https://www.poder360.com.br/economia/pib-do-brasil-cresce-19-no-1o-trimestre-de-2023-diz-ibge/. Acesso em: 18 mar. 2024.

OLIVEIRA, D. B. A. C. **Estudo dos Ciclos Econômicos no Brasil.** Departamento de Economia PUC-Rio de Janeiro, 2007.

PAIVA, M. S. et al. **Inovação e os efeitos sobre a dinâmica de mercado: uma síntese teórica de Smith e Schumpeter.** Interações (Campo Grande), v. 19, n. 1, p. 155-170, 2018.

ROSA, F. D. **O setor de serviços e a produtividade no Brasil.** Conselho Federal de Economia, 2020. Disponível em: https://www.cofecon.org.br/2020/02/04/artigo-o-setor-de-servicos-e-a-produtividade-no-brasil/. Acesso em: 18 mar. 2024.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e o ciclo econômico.** Tradução de Maria Sílvia Possas, 3. ed., São Paulo: Nova Cultura, 1988.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia.** Tradução de Luiz Antônio de Oliveira Araújo. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

SCHUMPETER, Joseph A. **Business Cycles: A Theoretical, Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process.** McGraw-Hill Book Company, New York, 1939.

SILVA, C. M.; FILHO, N. M.; KOMATSU, B. **Uma abordagem sobre o Setor de Serviços na Economia Brasileira.** Centro de Políticas Públicas – INSPER, Policy Paper, nº 19, 2016.

SLIM, Assen. **Economic Cycles by Josef Schumpeter**. Economic theory and Globalization, p. 125-142, 2019.

SOBEL, R. S.; CLEMENS, J. **O Essencial Joseph Schumpeter.** Russell S. Sobel, Jason Clemens; tradução de Mathus Paccini. São Paulo: Faro Editorial, 2021.

VAROS RESEARCH. **Ciclo Econômico: Entenda Suas Fases e Funcionamento.** Saulo Pereira, 2024. Disponível em: https://varos.com.br/blog/artigo/como-os-ciclos-economicos-funcionam. Acesso em: 15 mar. 2024.

VENTURINI, L. D. B. et al. **Influência dos Ciclos Econômicos na Relação entre Desempenho Empresarial e Estrutura de Capital Aberto no Brasil.** Revista Universo Contábil, Blumenau, v. 17, n. 4, p. 25-45, 2021.